

## Outras Falas: Memórias da Guerra

.....Marlene de Faveri<sup>1</sup>

### R e s u m o

Este artigo busca perceber a importância da memória no entendimento de experiências humanas. Dialoga com produções recentes acerca da história oral e memória, recapturando falas de mulheres cujas vivências se deram num tempo de enfrentamentos, a Segunda Guerra Mundial, em Florianópolis, percebendo tramas que a história oficial relegou ao esquecimento, na perspectiva do gênero.

Palavras-Chave: Memória, experiência, gênero, guerra.

### A b s t r a c t

This article seeks to show the importance of memory in understanding human experiences. It deals with recent productions about oral history and memory, recapturing the speech of women who lived at a time of confrontation, the Second World War in Florianópolis, discovering in gender perspective, plots that official history has relegated to forgetfulness.

Key words: memory - experiences - gender - war.

*A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender.*

Eric Hobsbawn<sup>2</sup>

Concordando que a memória porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido<sup>3</sup>, ela é, sem dúvida, fonte inesgotável de conhecimento/ entendimento de experiências humanas. Deste modo, a *história oral* permite múltiplas possibilidades, e, dentre estas, torna possível revelar experiências diversas de relações entre os seres humanos, seus medos, expectativas, lutas, esperanças e solidariedades.

O objetivo deste artigo é discutir, ainda que de maneira inicial, como a palavra falada, ou a memória através da fala, pode se transformar em importante fonte histórica

<sup>1</sup> Doutoranda em História - UFSC. Mestre em História (UFSC, 1996), professora de História na UDESC e UNIVALI. Orientadora: Dra. Joana Maria Pedro.

<sup>2</sup> HOBBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 15.

<sup>3</sup> SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. In: *Projeto História*, no. 14. São Paulo: PUC, Fevereiro/1997. p. 44.

no entendimento de experiências de mulheres, localizadas num tempo, a Segunda Guerra Mundial, e num lugar, Florianópolis. Os relatos orais, tomados por si só, pouco nos acrescentam, todavia, se devidamente historicizados e contextualizados, podem abrir baús do tempo, trazer muitos “não ditos”, revelar experiências “não vistas”, porém, pulsantes, cujas vivências caem facilmente na frágua do esquecimento se não colhidas a tempo.

Por esta via, a história oral proporciona ao historiador a descoberta de contextos novos e inusitados, para além dos “frios” documentos, fornecendo informações que adquirem vida porque há pessoas com artérias para explicar, recordar, rememorar, preencher vácuos que só aqueles que viveram, lidaram, driblaram e sonharam podem dar. Ou, ao historiador, é possível *tomar pulso da vida cotidiana assim como registrar os tremores mais raros dos grandes eventos*, pois na memória habitam os descompassos e aflições, os prazeres e risos, *restaurando algo da importância original daqueles que não deixaram nenhum relato escrito de suas vidas*,<sup>4</sup> num claro engajamento com a experiência e as pulsões dos dramas humanos, exigindo de si uma percepção apurada dos detalhes e significados.

Nos trabalhos que contemplam a memória, é comum observar frases saudosistas de coisas, lugares e relações que *já não existem mais*, ou *como era bom naquele tempo*. Contrariando a esse sentimento de saudades para com o passado, os depoentes aqui não gostam de falar *daquele tempo*. No olhar para o nada - um nada que é apenas do perguntador -, desfila um infinito filme, e só fragmentos dele vêm para a oralidade. *Guerra não presta*, enfatizou com uma profunda mágoa um depoente, *a gente queria mais era que acabasse logo*,<sup>5</sup> completa. As lembranças vêm resignificadas de medo, pavor, e a referência de tempo não é a linear, mas de um tempo triste, ameaçador. Referia-se aos respingos que a guerra deixou em Florianópolis, naqueles anos nada fáceis de sobreviver.

A Segunda Guerra Mundial, deflagrada em setembro de 1939, *seguramente o mais amplo confronto armado da história da humanidade e o mais importante evento político-militar do século XX*,<sup>6</sup> envolveu o mundo de forma até então desconhecida. A América se viu envolvida de diferentes formas, quer no envio de tropas, quer nos acirrados acordos e tratados, nos quais o Brasil estreitou alianças com os Estados Unidos através da política da boa vizinhança - aliança esta que redefiniria relações internacionais e colocaria o país dentro do jogo de poder e alinhamento aos aliados.

Sim, foi uma “outra” guerra<sup>7</sup> travada longe dos campos de batalha, e que deixou marcas profundas nas experiências das pessoas no aquém-mar, instigadas pela campanha ideológica travada pelo governo getulista, principalmente após a entrada do Brasil na guerra, em 1942, junto aos aliados.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> SAMUEL, Raphael. História local e história oral. In: *Revista Brasileira de História*, v. 9, No. 19. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, set.89/fev.90. p. 233.

<sup>5</sup> Depoimento do Sr. Osmarino de Deus Cardoso, 75 anos. Saco dos Limões, Florianópolis. Em. 08/10/97.

<sup>6</sup> HOBBSAWN, Eric. Op. Cit. p. 44.

<sup>7</sup> A Segunda Guerra Mundial foi deflagrada em 01/09/39 e teve seu término em 08/05/45, com a capitulação do Eixo Alemanha/Itália/Japão.

O sul do Brasil sofreu intervenções acirradas por parte do poder público, através da campanha de nacionalização forçada,<sup>9</sup> haja vista o significativo número de imigrantes europeus daqueles países, principalmente alemães e italianos. Santa Catarina foi alvo desta campanha, e toda sorte de repressão foi aplicada. O governo Nereu Ramos, seguindo às diretrizes do Estado Novo, antes e durante o período da guerra notabilizou-se pela repressão aos possíveis seguidores do Eixo, onde as manifestações foram proibidas, *seus simpatizantes presos, bem como foram fechados seus clubes e sociedades de todos os gêneros, e, principalmente, as escolas que ensinavam línguas estrangeiras.*<sup>10</sup>

Não há como negar que houve enfrentamentos. A população de Santa Catarina, nos números do censo de 1940,<sup>11</sup> contava com 10.791 alemães natos, vivendo majoritariamente conforme os costumes europeus, cultivando cultura e língua de origem.

Florianópolis, por ser capital do Estado, é muito visada, pois entram com mais facilidade informações através de jornais, e, sendo uma ilha, era propícia à chegada de "submarinos" e navios, portanto, o controle por parte do poder público era forte. As pessoas viviam sob ameaça através de constantes rumores de que a qualquer momento a cidade seria invadida pelo inimigo, cuja imagem foi sendo construída através dos jornais, durante os anos de guerra, principalmente após o rompimento do Brasil com o Eixo.<sup>12</sup> Os jornais da cidade de Florianópolis identificavam quase que diariamente os alemães aos nazistas, espíões da pátria, fazendo denúncias de que havia aqueles que se *naturalizavam brasileiros para melhor servir a 5ª coluna,*<sup>13</sup> dentre outras notícias que associavam sujeitos suspeitos a Hitler, ao demônio e ao perigo do comunismo, como está no jornal *O Apóstolo*, e que constantemente reafirmava o imaginário de que *uma onda bolchevista avassalará o mundo.*<sup>14</sup>

Em Florianópolis, ações específicas, medidas e ações públicas localizadas foram levadas a efeito por parte do governo, objetivando assegurar a ordem, sim, mas também para tornar a crise mais real e provocar o temor do suposto "inimigo". Simulações de ataques aéreos, sirenes de alerta, toque de recolher, blecautes - essas medidas provocaram alterações no cotidiano das pessoas, ao que os jornais divulgavam recomendações de como se portar/dirigir/proteger-se *por ocasião dos sinais de alarme aéreo,*<sup>15</sup> instruindo para que *fechem todas as portas, janelas e respiradouros, permaneçam calmos e abrigados, como se tratasse de ataque inimigo,*<sup>16</sup> etc.

<sup>9</sup> O reconhecimento de Estado de Guerra se deu, no Brasil, em 22/08/42, sob o pretexto de afundamento de navios mercantes brasileiros. Foi então organizada a FEB - Força Expedicionária Brasileira - em 1944, partindo, neste e no ano seguinte, um efetivo de 25.334 homens para lutarem em favor dos Aliados. O contingente catarinense que integrou a FEB foi de 956 homens, recrutados tanto das cidades como das áreas rurais, sendo o 7º em número entre os Estados brasileiros.

<sup>9</sup> Sobre a campanha de nacionalização, ver MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do ensino: uma contribuição a história da educação.** Florianópolis: UFSC, 1984.

<sup>10</sup> **Jornal Diário Catarinense** - Suplemento Governadores de Santa Catarina: 1739/1993. Florianópolis, 25/11/93. P. 56.

<sup>11</sup> **Censo do IBGE** - Censo Demográfico, População e Habitação - 1940.

<sup>12</sup> Cf. d'ACAMPORA, Márcia. **A construção da imagem do inimigo: o papel dos jornais durante a Segunda Guerra Mundial em Florianópolis (1939/1945).** Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação de Mestrado. O governo brasileiro rompeu oficialmente relações diplomáticas com os países do Eixo em 15/01/42.

<sup>13</sup> **Jornal O Estado**, Florianópolis, 05/10/42.

<sup>14</sup> **Jornal O Apóstolo**, Florianópolis, 15/02/43. Órgão da Congregação Mariana Nossa Senhora do Desterro.

<sup>15</sup> **Jornal A Gazeta**, Florianópolis, 21/05/42.

<sup>16</sup> *Idem*, 22/09/42.

As pessoas que experimentaram este cotidiano podem dar testemunho, e, através delas, é possível recuperar vivências que a historiografia apagou - ou construiu uma memória que levou ao esquecimento e ao silêncio aquelas que podem testemunhar.

Não há memória sem experiência. E não há experiências sem pessoas humanas, por conseguinte, não as encontramos fora da história. Ora, se não há lembranças que não venham das experiências humanas, é, então, a experiência que conta? Como lidar com categorias de análise que envolvam lembranças, experiências, memórias?

Pensar experiências dos seres humanos prevê atuações, ações, práticas cotidianas, portanto, qualquer projeto que aposta na atuação dos sujeitos está de acordo com a perspectiva da cultura. Significa compreender como homens e mulheres constroem estratégias de sobrevivência e inventividade, como (re)significam, reformulam e tratam esta experiência na consciência e na cultura, ou como *lidam com esses sentimentos*<sup>17</sup> no torvelinho das transformações sociais e culturais. Situações de conflito implicam cotidianos imersos em enfrentamentos, lugares onde se travam lutas, onde se demarcam exclusões, por conseguinte, onde se forjam mecanismos de sobrevivência, e, no calor da guerra, ações tiveram que ser reinventadas.

Por esta via, as experiências só podem ser ditadas pelas lembranças do vivido. Ora, a memória, de acordo com os gregos antigos, condicionava o pensamento humano, era a ciência da recordação. Aquilo que Aristóteles chamou de *anamnesis*, ou seja, o ato de lembrar, nós chamamos de memória, e fizemos dela uma forma de construir conhecimento ao ousarmos dar a palavra a vozes que foram silenciadas, recapturando vivências.

Narrar é um ato único, instantâneo, e não há repetição com as mesmas palavras, gestos, expressões, suspiros, olhares. Aquele que escuta também deve ler tais significados - há silêncios que a curiosa escuta pode interpretar mais que mil palavras! É do narrador, portanto, a experiência, o gesto, o significado. *O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada*, diz Walter Benjamin, e, *quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada*<sup>18</sup>, instigando o método da curiosa, respeitosa escuta.

Raphael Samuel nos diz que a memória tem, estampadas, *as paixões dominantes em seu tempo*, e que é *progressivamente alterada de geração em geração*.<sup>19</sup> Ela é o que emerge no momento da fala, do que é rememorado - e nunca é igual, porque quem lembra traz consigo um longo caminho que separa o vivido do lembrado. Ecléa Bosi elucida ao dizer que a lembrança é uma imagem construída a partir de representações do momento da fala, por isso, não é a mesma imagem experimentada no passado, já que esta sofre alterações de idéias e juízos de valor.<sup>20</sup> Por este caminho, as pessoas que lembram da

<sup>17</sup> Cf. THOMPSON, Edward. *Miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 180-81.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Ps. 60,62.

<sup>19</sup> Op. Cit. (1997). p. 44.

<sup>20</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. (5ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55.

guerra conservam um longo tempo, ou mais de meio século, separando o vivido do lembrado, e o ato de recapturar o passado é sempre seletivo.

Assim, a memória seleciona o que lembra, porque não guardamos um ato inteiro, ou a coisa cheia, mas sempre um detalhe, o que ficou de mais significativo, que é o campo do simbólico. “Fica” o que significa, nos lembra Ecléa Bosi.<sup>21</sup> Ou seja, um signo pode trazer uma lembrança (pode ser em forma de som, cheiro, cor, toque, símbolo, palavra) e remeter ao ato de recordar.

Se o ato de recordar seleciona e escolhe, o que está armazenado na memória vem resignificado de sentidos. A dor e o prazer são experiências subjetivas, individuais, mesmo que partilhadas num determinado momento, tem um componente sentimental único. Nas lembranças da guerra, o valorativo está direcionado/relacionado com afetos, medos, angústias, com um cuidado, por vezes, de não se permitir ao suplício daquelas lembranças. Nas recordações de d. Dulce, viúva de ex-combatente, o silêncio do marido, após o retorno da guerra, é relatado com angústia: *Ele se fechou, calou...* (segue-se um silêncio introspectivo), *meu marido foi morto doente da guerra, ele morreu esclerosado*, referindo-se ao rancor que ele guardara durante os 48 anos em que estiveram casados, deixando entrever um cuidado na sua experiência cotidiana de conviver com amargas lembranças nas quais não se permitia tocar, porque *ele não gostava que tocasse no assunto de guerra, ele nunca contou nada...*<sup>22</sup>.

O silêncio, ou os silêncios - o de d. Dulce, quando cala, e o do marido, que se negava a falar - portam significados. O ritmo, o conteúdo subjetivo e a fala pausada revelam emoções do narrador, e, como se cuidasse para não quebrar o filme, tira dele fragmentos que têm significados próprios, às vezes alterado, outras, quase intacto. O silêncio, diferente do esquecimento, pode revelar tensões e contradições que tendem a esconder feridas, o que pode ser lido como uma resistência das pessoas - da sociedade civil - ao discurso oficial. As guerras produzem silenciamentos marcados pela vida cotidiana, medos, por vezes culpas que se transmutam, na hora de recordar, em se abster de falar.<sup>23</sup>

Vimos que a memória seleciona fragmentos, detalhes, cujos significados permitem abrir frestas da memória. Para d. Jaimira, funcionária da fábrica Hoepcke nos anos da guerra, era *um tempo em que a gente vivia muito assustada*, mostrando um cotidiano tenso, convivendo com o medo de que *se eles (os alemães) vencessem a guerra, eles iam invadir, aí, a gente (que) não era alemã, tava lá, então eu tinha um medo danado*<sup>24</sup>. Ao longo de sua fala, d. Jaimira vai mostrando como eram “treinadas” as mulheres para um eventual ataque, e, obviamente, provocando forte pressão psicológica para a possível chegada do inimigo. Enfatiza a depoente que *naquele tempo, assim, eles amedrontavam muito...*, revelando a construção de um imaginário<sup>25</sup> sobre o outro, o “inimigo”, que no caso pode ser o nazista,

<sup>21</sup> Idem, p. 66.

<sup>22</sup> Depoimento de Sra. Dulce Dolceline de Oliveira, 69 anos. Centro, Florianópolis. Em 16/12/97.

<sup>23</sup> Cf. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos -3. Memória**. Rio de Janeiro: PUC, vol. 2, 1989.

<sup>24</sup> Depoimento de Sra. Jaimira Alves da Silva, 70 anos. Bairro de Fátima, Florianópolis. Em 30/07/98.

<sup>25</sup> O imaginário, aqui, é visto na perspectiva de Bronislaw BACZKO, interferindo na vida cotidiana, forjando sentidos, definindo comportamentos, legitimando práticas, regulando a vida coletiva. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi** (Anthropos-Homen). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

o quinta-coluna, o alemão, o policial, e a constante apreensão e reelaboração do que é veiculado.

Um “detalhe” que ficou na memória de d. Jaimira é significativo:

“...inclusive tem uma passagem gozada: na fábrica de bordados, a máquina - tem uma máquina de onze metros de comprimento que eu trabalhava - , aí estava eu e três colegas sentadas assim, e aquela máquina tinha uma mola que aquilo quando arrebentava parecia um canhão, era medonho! O pessoal dali por perto todos corriam, se aquilo batesse na gente , a gente não escapava. Aí, nós três, assim, numa hornha de folga conversando: 'se acontecesse de eles invadir, o que é que tu fazia? Há, eu corria', cada uma dizia uma coisa... aí estourou aquela mola na hora, nós corremos, gritamos tanto, eles passaram trabalho para segurar a gente, a gente correndo... o pessoal do Departamento, era ali na frente, vieram todos, porque a gente pensava que já estavam vindo, e a gente estava justamente na conversa. Mas não bateu em nós, não fez nada, não...”

O que de mais forte ficou na lembrança de d. Jaimira foi o barulho, o medo, e, enquanto falava, torcia as mãos, agitava levemente o corpo. As Empresas Hoepcke entraram na “lista negra”<sup>26</sup> norte-americana em maio de 1942 e só saíram em julho de 1943, quando Aderbal Ramos da Silva assume como diretor-presidente da Carlos Hoepcke Comércio e Indústria, e com brasileiros natos em todas as suas chefias de departamento.<sup>27</sup> Na empresa em que d. Jaimira era funcionária, de propriedade de alemães, a campanha anti-nazista foi levada a efeito com rigor, e, ao que se pode depreender, a pressão psicológica junto aos funcionários foi forte.

Nas lembranças mais próximas ficam as referências simbólicas, as que captam emoções, essas que só quem dialoga e escuta tem possibilidade de ouvir, e, no caso de d. Jaimira, o barulho era *medonho*, como o de um canhão. Sim, a guerra estava muito próxima, embora longínqua; real, embora imaginada. O que teria ficado de significativo nas lembranças de suas companheiras de conversas, discutindo o que faziam se *elas* chegassem? Por certo cada qual deu um significado próprio para o barulho, representou à sua maneira de acordo com sua visão de mundo.

A emoção de d. Jaimira não é objeto de história - não para um tipo de história que só vê o evento, seus feitos heróicos, detém o controle da imagem, e, à medida em que controla o registro, amiúda as emoções, as resistências, esconde os conflitos e quer homogeneizar vivências. Entretanto, ela nos conta de um “detalhe” que representa muito

<sup>26</sup> Entrar na “lista negra” significava que a empresa era suspeita de colaborar com os nazistas, negociar com a Alemanha, e esta sofria um “boicote” de produtos importados por parte do governo norte-americano. Uma empresa que estivesse nestas condições, só poderia sair se provasse o contrário. No caso da Hoepcke, ocorreu com a mudança da presidência e cargos de chefias. Este “expediente” foi utilizado pelos ingleses e norte-americanos tanto na primeira como na segunda guerra, mas, com mais rigor pelos americanos na Segunda Guerra Mundial.

<sup>27</sup> Jornal *A Gazeta*, Florianópolis, 07/05/42 e 06/07/43.

no entendimento da construção dos medos, do 'apavorar' o outro, do cotidiano da fábrica no tempo da guerra. É possível que outros funcionários também associassem o barulho ao canhão, mas a memória da depoente é única. São os seus sentidos, seus medos, suas lembranças, ou a memória individual que não se desprende da coletiva,<sup>28</sup> entretanto, mesmo havendo componentes significativos que podem ser compartilhados coletivamente pela memória, *o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais*,<sup>29</sup> o que lembra é específico.

Para a empresa, d. Jaimira era só um número. Seus medos? Não existiam, não existem. Ela mesma, várias vezes, disse *eu não lembro de nada, acho que não adianta falar comigo, ou, isso serve para alguma coisa?*, ao mesmo tempo em que ia desfiando um retrós, como na fábrica de tecidos, as suas lembranças, e nelas, vários feixes de coisas miúdas, detalhes que para ela não serviriam "para nada". Isso tem um conteúdo forte: uma história feita com intuito de "apagamento" dessas experiências. Ela própria tem a referência de que o sentido da história está nos livros, nos monumentos, e não se percebe como sujeito, portanto, sua memória "não serve".

Pierre Nora, ao refletir sobre os lugares da memória, percebe esta tensão entre memória e história: monumentos celebrativos pretendem solidificar a história dos vencedores, estes que querem fazer sobreviver somente sua ideologia. Entretanto, se o lugar da memória é um *lugar duplo, e fechado sobre si mesmo*,<sup>30</sup> não consegue, mesmo que tente, congelar ou homogeneizar significações. Seria possível afirmar que o ato cívico de 8 de maio enlaça a todos com os mesmos sentimentos? As mulheres dos ex-combatentes, por exemplo, com certeza não o sentem todas da mesma forma, há múltiplas significações, como há múltiplas experiências. Para d. Jaimira, o ato cívico possivelmente não traga recordações tranquilas, e, não se sentindo parte da história, não se vê como sujeito.

Entretanto, estava eu diante de uma pessoa real, de *individuos reais* na expressão de Chauí.<sup>31</sup> Na disputa de discursos que compõem a história, d. Jaimira não existe, assim como não existiram Dulces, Hiltas, e tantas outras mulheres que pernhoitaram no negrume do blecaute e sofreram os medos e os enfrentamentos proporcionados por um confronto político que homens públicos acharam por bem resolver na beligerância.

Qual é, então, o discurso da memória? Não é o da verdade, esta que a ciência moderna celebrou para si. Também não é o da mentira. Ele é tanto verdade quantas são as rememorações, está nas representações, naquilo que cada um contabilizou e interiorizou para si, selecionou, o que lhe tem significado. É impossível juntar todas as

---

<sup>28</sup> Maurice HALBWACCS relaciona tempo e memória elaborando um conceitual de memória coletiva, sem, entretanto, descartar a memória individual. Para o autor, é necessário que a reconstrução da memória *se opere a partir de dados ou de noções comuns*, onde as lembranças estão situadas nas redes de solidariedades múltiplas, onde os indivíduos estão necessariamente comprometidos, ao que chama de *enquadramento da memória. A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990. p. 34.

<sup>29</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e História Oral. In: **Projeto História** (15). São Paulo: PUC, abril/1997. p. 16.

<sup>30</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História** (10): História e Cultura. São Paulo: PUC, dezembro/1993. p. 27.

<sup>31</sup> In: BOSI, Ecléa. Apresentação. Op. Cit. p. 29.

peças do passado, e, mesmo se o fosse, quem teria a verdade? Portanto, a memória/história não reivindica tal estatuto: pretende, sim, rever posições arbitrárias e excludentes - de que outra forma saberíamos dos afazeres e lidas que somente a memória pode refazer? Como e de que forma poderíamos reconstruir uma memória que a história relegou ao esquecimento? Estes trabalhos transfigurados, esquecidos, os *trabalhos da memória*<sup>32</sup> podem romper silenciamentos e reabrir portas de um passado tecido de sentimentos, recuperando partes de histórias que não cabem em formas.

No debate acerca da memória e experiências femininas, há que se ter o cuidado de "desnaturalizar" alguns conceitos que pareciam seguros. Em primeiro lugar, investigar histórias, através da memória, permite recuperar experiências femininas e masculinas na sua concretude, sem, no entanto, se embasar em universos binários. Memórias e experiências não se enquadram em oposições, ou na oposição homens/mulheres, como se as experiências fossem separadas, já que os seres humanos estão em constantes relações. Em segundo lugar, dizer que há uma memória específica do privado - de mulheres - é uma inverdade. É claro que há componentes significativos nas lembranças de mulheres quando se reportam aos afazeres e atribuições que eram elas que tinham que dar conta, e que delas se esperava. Nas falas das depoentes sobre sua experiência da guerra, aparecem o cuidado com os filhos, preocupações com o racionamento, a parca iluminação noturna que atrapalhava os afazeres domésticos, mas não estão descoladas do que acontece no público, possuem conhecimento das tensões externas à casa.

Esse debate tem frutificado a partir das afirmações de Michele Perrot, onde menciona que as mulheres carregam *uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo*,<sup>33</sup> portanto, sexuada. Entretanto, a autora, ao observar que a memória está estruturada por papéis sexuais predeterminados - papéis masculinos e papéis femininos - acaba por naturalizar funções, o que desconsidera uma multiplicidade de relações. Em outras palavras, as pessoas, homens e mulheres, ao longo da vida, desempenham funções que desconstróem os estereótipos ditos como "isto é coisa de mulher", ou vice-versa. Pensar em papéis sexuais determinados significa uma postura essencialista, e contribui para a valorização de algo que queremos desconstruir: a idéia de identidade feminina (ou masculina). Ou, há que se ter ciência de que os papéis sociais são móveis, culturais, históricos, e são vivenciados na complexidade histórica de classe, etnia, geração, raça, gêneros.

Recordo que, durante a guerra, mulheres que tiveram seus maridos recrutados e efetivamente ficaram ausentes, obrigaram-se a tomar as rédeas da casa, muitas vezes enfrentar o espaço público, negociar, pagar contas, aprender a inverter papéis - e deram conta, cada qual, a seu modo. Ou seja, há experiências diferentes, singulares, que somente a narrativa - a memória, o empírico - pode elucidar, desnaturalizar, o que leva a um deslocamento da idéia de papéis como precondição para o feminino ou para o masculino.

Nesse sentido, Claudia de Lima Costa instiga à reflexão das construções, propondo um abandono da *busca das diferenças já configuradas como fundamento do conhecimento*

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> PERROT, Michele. Práticas da memória feminina. In: *Revista Brasileira de História*. A mulher e o espaço público. No. 18. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1989. p. 9-18.



e detectá-las no próprio processo que as constrói, pois, assim detectadas, *apareceriam como produto das diversas posições mutáveis, móveis, múltiplas e parciais adotadas pelos sujeitos como respostas políticas, não ontológicas, à dominação*.<sup>34</sup> Por esta via, pensar a experiência de mulheres requer um cuidado na observação de vidas que se desenrolam fora dos conceitos, e explorar as ondulações a nível das vivências reais, que se inscrevem na cultura, nas relações, nas experiências complexas e heterogêneas que só nos ficam entendíveis ao reabrirmos as páginas do passado, percebendo com clareza o lugar de quem fala, como a memória se transmuta em fala, mas também o *lugar do qual falar*.<sup>35</sup>

Por este caminho de reflexão metodológica, percebe-se a memória como um processo dinâmico, também um discurso onde a arte de lembrar filtra ações e as deposita na linguagem oral. Recolher memórias de mulheres, e, neste caso, mulheres que tiverem a experiência histórica de um tempo de guerra, pauta-se nos cuidados de percebê-las em múltiplas situações e interrelações, sem cair na dicotomia formal dos papéis ou de que a memória seria/estaria estruturada a partir de papéis definidos, tradicionais. Este não é um caminho fácil, entretanto, é mister que nos desnudem de formas preconcebidas, naturalizantes e universais.

Ainda, e não perdendo de vista as experiências concretas femininas e o sentido de suas práticas, é necessário ter claro que *qualquer informação sobre a questão das mulheres implica necessariamente em informação sobre os homens*,<sup>36</sup> o que significa pensar a construção de feminilidades e masculinidades não apenas do ponto de vista relacional. Se, por um lado, a guerra contribuiu para a afirmação de masculinidades - assim é vista e retratada, como "coisa de homem", refletindo o masculino como o único sujeito histórico -, por outro, há que se perceber a contínua comunicação entre os seres humanos e suas relações, o que possivelmente fizeram configurar lugares e relações diferenciadas dentro da sociedade. De que maneira a guerra contribuiu para redefinições de masculinidades e feminilidades? Houve mudanças nas relações sociais? Permanências? Que representações foram feitas sobre os outros? E sobre si?

Enfim, capturar experiências através da fala oral, reveladas pela memória das mulheres, sem simplificar em construções binárias e papéis universais, dá possibilidades de recolher fatias de vidas, trajetórias pessoais que restituem ao passado um pouco da consistência do vivido, do imprevisto, do inesperado, do afetivo, das tensões no entrecruzamento de existências múltiplas.

O ontem insiste, teima, e ninguém que tenha vivido poderá apagar, por inteiro, fragmentos das experiências. Perdem-se partes, a ordem dos acontecimentos, talvez detalhes, mas algo de significativo sempre permanece nas lembranças. Mesmo que seja o silêncio, o espaço dos desejos, o tempo de recordar.

---

<sup>34</sup> COSTA, Claudia de Lima. O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: as (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do (con)texto. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998. p. 79.

<sup>35</sup> Idem, p. 83.

<sup>36</sup> Cf. MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 20.